

SOBRE O HERÓI DE MUHURAIDA: VÁRIOS HERÓIS, NENHUM HERÓI?

Yurgel Pantoja CALDAS
Universidade Federal do Amapá

RESUMO: Este trabalho investiga as condições do “herói” no poema épico Muhuraida (manuscrito de 1785), considerando a estrutura tradicional do gênero épico e os vários personagens que exercem a função de heróis na referida obra.

PALAVRAS-CHAVE: herói, épico, Muhuraida.

ABSTRACT: This work investigates the characteristics of the hero in the epic poem Muhuraida, by Henrique João Wilkens (1785 manuscript), considering the traditional structure of the epic literary genre. It also analyses some other characters who exert the function of hero in the related workmanship.

KEY WORDS: hero, epic, Muhuraida.

A idéia geral do herói pode ser relacionada, segundo E. R. Curtius (1996), ao valor da nobreza que compõe um tipo humano ideal, o qual se distingue por sua extrema vontade espiritual, seu poder de concentração e sua superação ante a vida cotidiana. Para Curtius, a “virtude específica do herói visa ainda ao poder, à responsabilidade, à audácia. Pode aparecer como estadista ou general, como nos tempos antigos se apresentava como guerreiro”. (CURTIUS, 1996, p. 223)

Nas narrativas homéricas, o herói plenamente virtuoso se constitui do equilíbrio entre a força (guerreiro) e a razão (sábio), contudo uma forte característica desse tipo é a cólera, que marca o caráter profano do mundo homérico, que não se encaixa na idéia cristã do mundo medieval. (CURTIUS, 1996, p. 226)

No livro *A teoria do romance*, Georg Lukács (2000) mostra que um importante traço da epopéia reside na existência do herói, cujo objetivo não gira em torno de um destino pessoal, mas sim de um comunitário. Assim, o sistema de valores do mundo épico – perfeito e completo em si mesmo – “cria um todo demasiado orgânico para que uma de suas partes possa tornar-se tão isolada [...], a ponto de descobrir-se como interioridade, a ponto de tornar-se individualidade” (LUKÁCS, 2000, p. 67). Para Lukács, o destino universal sintetizado pelo herói épico é o que “confere conteúdo aos acontecimentos” (LUKÁCS, 2000, p. 68) e o que permite que o herói reúna as condições necessárias para sustentar o destino de toda uma comunidade.

Engrandecer o inimigo, atribuir-lhe uma força descomunal, multiplicá-lo e revesti-lo de uma couraça quase impenetrável, conferir enfim epicidade a suas ações bárbaras, tudo isso parece ter sido parte da estratégia utilizada pelo engenheiro militar português, Henrique João Wilkens, na sua representação do índio em *Muhuraida* (1993), considerado o primeiro poema escrito sobre a Amazônia, em língua portuguesa, cujo manuscrito data de 1785 e sua primeira edição, de 1819.

Já no subtítulo desse poema, ele aparece como “grande e feroz nação do gentio Mura”, o que ao mesmo tempo em que valoriza a vitória lusitana sobre inimigos terríveis e cruéis, atribui um caráter heróico à conduta dos índios, por conta de suas estratégias de resistência à pacificação, desejada tanto pelas ordens religiosas, que muitas vezes quiseram reduzir os Mura, quanto pelo poder político-administrativo colonial, que agia em nome do progresso e da civilização naquela vasta região da bacia amazônica.

Diferentemente do modelo clássico do herói épico, cujas ações guerreiras se baseiam em desígnios superiores (deuses), e afastando-se das aventuras do herói das cristianizadas novelas de cavalaria (GONZÁLEZ, 1993), onde o protagonista avança para uma atmosfera de purificação pessoal, o herói da épica brasileira – apesar de muitas vezes resgatar os modelos clássico e/ou medieval – assume

novas formas de se posicionar, como já notou Antonio Candido (1997), e acaba ganhando outra configuração ao incorporar traços mais humanos e menos divinos.

Mais estrategista que guerreiro, dado que seu discurso possui força maior que o hábil uso da própria arma na luta contra o inimigo; mais diplomata que militar, porque sabe o valor de negociar posições com o contrário; ligado direta ou indiretamente à administração colonial, desenhando um panorama que se insere num espaço e num tempo determinados; o herói da épica brasileira do século XVIII é um conquistador civil que muitas vezes, para conseguir seus intentos, chega a recusar inclusive o confronto armado, preferindo utilizar seu poder de persuasão através da arte do discurso.

Ainda segundo Curtius, ao valorizar mais a justiça e a piedade que o próprio combate, “Enéias jamais quer a guerra, em que o poeta [...] vê algo terrível” (CURTIUS, 1996, p. 230). Nesse caso, seria lícito aproximar esse Enéias virgiliano ao herói de *O Uruguay* (GAMA, 1995), já que Gomes Freire de Andrada tenta, por várias ocasiões, evitar o combate militar na campanha do sul, contra os índios Guarani. Assim, Andrada passa a ser o grande protetor dos índios, pois “Reprime a militar licença, e a todos [os índios]/ Com a grande sombra ampara: alegre e brando/ No meio da vitória” (GAMA, 1995, p. 100). Em seguida, a máxima expressão do sucesso do general e da derrota definitiva dos jesuítas vêm à tona:

Aos pés do General as toscas armas
 Já tem deposto o rude americano,
 Que reconhece as ordens e se humilha,
 E a imagem do seu Rei prostrado adora.
 (GAMA, 1995, p. 101)

Tal cena de *O Uruguay* se aproxima à narração do final de *Muhuraida*, quando os Mura terminam por aceitar a conversão cristã de bom grado, oferecendo vinte de seus filhos pequenos para o batismo:

No templo de Maria renascidos,
 Na graça batismal, os inocentes
 Vinte infantes, alegres conduzidos
 Pelos bárbaros pais foram contentes.
 Na fé de mais progressos despedidos,
 Se ausentam cumulados de presentes.
 (WILKENS, 1993, p. 169)

Da mesma forma que se vê em *O Urugua* a função de herói exercida declaradamente por um português (se bem que algumas ações indígenas também sejam revestidas de heroísmo), Caramuru nos mostra semelhante dualismo entre seu protagonista (Diogo Álvares Correia) e os índios, em relação aos atos heróicos. Contudo, ao contrário do que ocorre no poema de Basílio, Caramuru tem em seu herói português a assunção de um caráter religioso na sua conduta missionária para “salvar” o gentio de sua própria natureza bárbara.

Assim, mais do que a habilidade com as armas e o poder de combatividade em batalhas, o verdadeiro valor do herói de Caramuru reside em sua capacidade de “domar” a “fera gente”, como nos mostra claramente o início do poema de Durão:

De um varão em mil casos agitado,
 Que as praias decorrente do Ocidente
 Descobriu o recôncavo afamado
 Da capital brasílica potente;
 De Filho do Trovão denominado,
 Que o peito domar soube à fera gente,
 O valor cantarei na adversa sorte,
 Pois só conheço herói quem nela é forte.
 (DURÃO, 1913, p. 17)

Com a nobreza no sangue, “Forte, sim, mas de têmpera delicada” (DURÃO, 1913, p. 24), “o prudente Diogo” (DURÃO, 1913, p. 45), diz: “Não temas (disse afável), cobra alento” (DURÃO, 1913, p. 47), frase com que o protagonista português – após escarnecer do até então temível chefe indígena Gupeva, que passou a tremer de medo do barulho produzido pela ação da arma de “Caramuru” – se

adequa ao novo estilo do herói épico brasileiro, que se quer, antes de militar, prudente e astucioso. (DURÃO, 1913, p. 48)

Ao se estabelecer definitivamente como o salvador dos seguidores do chefe Gupeva, Diogo guia os índios para uma aldeia improvisada, porém segura – “Qual o velho Noé na imensa barca” (DURÃO, 1913, p. 58). Esta figura de herói “salvador” também aparece em *O Urugua* – podendo ser percebida através das ações do general Gomes Freire de Andrada, em relação aos Guarani que necessitavam se libertar do jugo jesuíta (*O Urugua*) –, e na postura de Mathias Fernandes. Este personagem, que historicamente era o diretor da aldeia de Santo Antonio do Imaripi (rio Japurá, então capitania do Rio Negro), para onde os Mura seriam deslocados para aí estabelecerem novo estilo de vida, de acordo com as necessidades regionais da produção de bens agrícolas, assume a posição de herói, no canto IV de *Muhuraida*:

Sendo aquele [Mathias Fernandes] o Moisés ao povo aceito
 Do Mura, que gostoso obedecia [...]
 De mil perigos e da idolatria
 Da escravidão o livra, felizmente,
 Do Príncipe das Trevas, tão potente.
 (WILKENS, 1993, p. 143)

Enquanto em *O Urugua* e Caramuru a função de herói gravita em torno do protagonista português (Gomes Freire de Andrada/Diogo Álvares Correia) e do índio (Guarani), de modo que, por diversas passagens das duas narrativas, não é possível estabelecer uma única figura que assuma tal posição, no poema de Wilkens, além de haver esse tipo de indefinição em torno do herói, existem três nomes portugueses que poderiam exercer a função de herói: o governador geral, João Pereira Caldas, o diretor de aldeia, Mathias Fernandes, e o tenente coronel, João Batista Martel. Além disso, pode-se destacar a presença fundamental do Mura Celeste, instrumento divino que surge disfarçado para dar início ao processo místico de conversão dos Mura.

Do lado indígena, vale destacar a valentia e a persistência do povo Mura em resistir às muitas tentativas de assimilação levadas a cabo pela administração colonial, o que engrandece a posição indígena no poema, fazendo com que essa nação tenha ações bélicas próximas de épicos tradicionais. Não podemos deixar de mencionar a importância de personagens como o Mura Jovem – o primeiro a ser convertido “milagrosamente” pelo Mura Celeste, e aquele que lidera o movimento coletivo do convencimento de sua tribo ao Cristianismo – e o Mura Velho, que, lembrando a figura camoniana do Velho do Restelo (CAMÕES, 1999, p. 145-149), tenta barrar as investidas do Mura Celeste, proferindo um discurso que nega o progresso e a civilização, propostos aos seus pares.

Surge, então, uma questão inicial: a quem se deve atribuir a condição de pacificador dos Mura? Se obtivermos uma resposta consistente, é provável que cheguemos a um personagem que melhor encarne a condição de herói, a que Muhuraida abre espaço. Nesse caso, vale a pena mencionar o trabalho de Tânia Pires Pêgo (2004, p. 7), que afirma que a pacificação mura não ocorre pela ação de um único herói, pois que no poema o termo “herói” aparece apenas uma vez na fala de Mathias Fernandes em referência ao governador João Pereira Caldas: “Pede este herói [‘O ilustre João Pereira’][...]/ Que o conheçais [aos Mura], e ameis também desejo”. (WILKENS, 1993, p. 141)

O fato de o herói em *Muhuraida* aparecer diluído, difuso ou mesmo multiplicado em vários personagens – o que contradiz o próprio conceito de “poema heróico” aplicado por Wilkens no subtítulo de sua obra – não nos impede de destacar um personagem histórico que atue mais próximo de um herói que de outros personagens. Assim é o caso de Mathias Fernandes, aquele que, de fato, segundo Pêgo:

Mais intervém na ação da pacificação, o que atua diretamente no terreno do conflito, o que desempenha um maior número de funções e as mais importantes para o êxito da campanha, o que mais segura

e prontamente responde nos momentos cruciais do conflito e que [...] evidencia-se na narrativa. (PÊGO, 2004, p. 85)

Atribuindo a Deus todo o mérito da campanha vitoriosa pela conversão mura:

Oh muras valorosos! Eu conheço
Esta obra ser da mão do Onipotente;
Que a Ele só se deve, enfim, confesso;
Louvor Lhe seja dado eternamente.
(WILKENS, 1993, p. 139);

exaltando as qualidades de João Batista Martel:

Vereis em outro João justo festejo;
Ao vosso bem vereis, como ele atento,
No mesmo nome tendo a dignidade,
Do precursor preenche a qualidade.
(WILKENS, 1993, p. 141);

tentando persuadir os Mura à pacificação, por meio de um discurso contemporizador e unificador:

Eu sei que agravos tendes na lembrança,
Feitos por quem só enganos meditava,
[...] Sereis nossos irmãos, filhos da Igreja;
Concidadãos, amigos.
(WILKENS, 1993, p. 139);

apresentando aos índios promessas de vantagens e glórias a partir da aliança com os portugueses:

Este o tempo feliz que destinava
O céu, para que em vós a luz raiasse;
Que aquele, que este Estado governava,
Perto de vós, enfim, também se achasse.
(WILKENS, 1993, p. 141);

Mathias Fernandes, como um Moisés que guiou o povo judeu à Terra Prometida, mostra o caminho da paz e da segurança aos Mura, numa autêntica promessa de felicidade coletiva:

Sendo aquele [Mathias] o Moisés ao povo aceito
Do Mura, que gostoso obedecia;
[...] De mil perigos e da idolatria
Da escravidão o livra.
(WILKENS, 1993, p. 143)

Para complementar sua função prática na pacificação e na conseqüente conversão dos Mura, Mathias Fernandes é quem cuida da infra-estrutura da aldeia de Santo Antonio do Imaripi: “Só cuida o bom Fernandes no interino/ Reparo da colônia, repartindo/ O corte das madeiras” (WILKENS, 1993, p. 153). Além disso, o diretor dos aldeamentos indígenas na região do rio Japurá planeja um meio sedentário de assegurar o sustento agrícola dos Mura quando estes estiverem estabelecidos na dita aldeia:

Não lhe esquece o preciso, útil cuidado
De prover à futura subsistência;
Em grande roça tendo antecipado
Meio seguro, certa providência.
Maniva, milho, frutas já plantado
O Mura vê, na nova residência,
Esteios uns levantam; outros palha
Conduzem, tecem, tudo enfim trabalha.
(WILKENS, 1993, p. 153)

Para tanto, Fernandes conta com o precioso auxílio do índio Ambrósio, que é estimulado pelo diretor a convencer outros Mura à pacificação/conversão:

Um prófugo entre os mais murificado,
De Ambrósio tendo o nome impropriamente,
Foi logo por Fernandes empregado,
Para outros persuadir eficazmente.
(WILKENS, 1993, p. 153)

A primeira referência de Wilkens a Mathias Fernandes é feita através de uma nota, cujo teor mostra que o referido diretor dos aldeamentos indígenas teria conseguido impedir um cerco mura à aldeia de Santo Antonio de Imaripi, local que mais tarde seria escolhido para servir de abrigo permanente aos Mura assimilados. Fernandes, naquela ocasião, ainda de acordo com a nota do autor de *Muhuraida*, para conseguir resistir e lutar contra o cerco à dita aldeia, teria agido “com valor temerário”, tendo atacado, combatido e afugentado os Mura (WILKENS, 1993, p. 125). Trata-se de um raro momento em que, mesmo em nota, uma batalha é sugerida; ainda assim, como uma reação ao ataque indígena.

Para reforçar, entretanto, a valorização das qualidades de Mathias Fernandes, como diplomacia, prudência e astúcia, em detrimento da mera força militar, na composição do herói épico dos setecentos brasileiro, há o exemplo da fala do Mura Velho, em cujo final percebe-se uma espécie de síntese da estratégia colonizadora sobre o território amazônico no século XVIII: “O que a força não pode, faz destreza,/ Valor equivocando com a vileza” (WILKENS, 1993, p. 133). Com isso – ao responder habilmente aos apelos persuasivos do Mura Jovem, recém-convertido pela aparição angelical do Mura Celeste e seu poderoso discurso –, o Mura Velho revela uma marca própria do herói dessas narrativas épicas, pois a “destreza” (discurso vencedor) passa a ser mais valorizada que a própria “força” (combate militar), a qual não surtia efeito contra as formas alternativas e surpreendentes da resistência mura.

Fazendo eficaz uso de valores como astúcia e habilidade discursiva, que caracterizam suas ações no decorrer da narrativa, Mathias Fernandes aproxima-se à modelar concepção dos heróis clássicos, como Ulisses, que exercia elevado poder de argumentação com grandes recursos oratórios e boas doses de prudência e diplomacia. Mas é na ação do Mura Celeste – quando este surge repentinamente para persuadir o Mura Jovem a depor as armas, aliar-se aos brancos e convencer os demais de sua tribo à pacificação e à

conversão – que outro traço interessante de Ulisses, a técnica do disfarce, se revela na narrativa de Muhuraida:

Um Paraninfo desce, ao feliz Mura [Jovem],
Disfarçado, anuncia a luz, que gira [grifo nosso]
Da fé, na órbita eterna, sacrossanta;
O apóstata confunde, ao Mura espanta
(WILKENS, 1993, p. 111);

E mais adiante o Mura Celeste fala ao jovem atônito:

Sou teu irmão, não temas, respondendo
Lhe diz o Paraninfo disfarçado [Mura Celeste].
Igual o gosto meu, ao que estou vendo
Em ti; mas o que eu tenho é consumado.
Descansa, diz o Mura [Jovem], que atendendo
Te vou, com gosto, alegre e admirado:
Eu, o arco, a flecha e tudo enfim deponho,
Sentado, ouvir-te atento me disponho.
(WILKENS, 1993, p. 119)

Esse recurso ao disfarce surge como a única maneira de o Mura Celeste chamar a atenção do Mura Jovem para o seu discurso sobre a necessidade de pacificação/conversão da nação Mura. Prova disso é a presença de outras expressões que denotam a transformação do “Paraninfo” em índio Mura: “Do céu o murificado Mensageiro/ Prossegue a persuadir ao Mura atento [grifo nosso]”. (WILKENS, 1993, p. 123)

Além da astúcia e da habilidade retórica – que, como já vimos, são duas atribuições destacadas no herói homérico –, Muhuraida apresenta personagens que resgatam valores como a “piedade” e a “justiça”, introduzidos na caracterização do herói virgiliano, em Eneida: trata-se de Mathias Fernandes e João Batista Martel. No caso do primeiro, piedade e justiça compõem duas de suas virtudes no trato com o índio Mura, pois este, vivendo “Nas densas trevas da gentilidade” (WILKENS, 1993, p. 103), necessita, de acordo com o ideal europeu da civilização, de salvação para que não caia

definitivamente em desgraça. Assim, como um patriarca bíblico, Mathias Fernandes “Só da piedade [grifo nosso] os meios adotando, / Os braços seus abrindo com ternura/ Justiça [grifo nosso] e paz fará só ser ventura”. (WILKENS, 1993, p. 125)

Em relação a João Batista Martel, por mais que a justiça seja intrínseca ao ato do batismo de vinte crianças muras, entregues ao sacramento pelos próprios pais, nota-se que a piedade é o sentimento mais presente na estrofe 20 do canto VI; mesmo que essa piedade não seja expressa diretamente por Martel, é através dele que tal sentimento se concretiza:

Pio, promove, vê; gostoso assiste
João, chefe português, Batista agora,
Esta piedosa ação; quer que se aliste
Por fiador seu nome, pois que implora
A proteção divina, em que consiste
A futura esperança de que adora
Inescrutável desígnio e providência
De um Deus piedoso em sua onipotência.
(WILKENS, 1993, p. 167)

Dessa maneira, a infinita piedade divina reflete-se na atitude de Martel, quando este assume para si essa espécie de paternidade enviesada, que é o ato cristão do batismo de “inocentes/ Vinte infantes”. (WILKENS, 1993, p. 169)

Incorporando outras qualidades tão importantes quanto o sentido de justiça e a defesa da liberdade, valores estes que são caros aos ideais iluministas da época, João Batista Martel também é capaz de expressar generosidade e proteção paternal quando os Mura aceitam, espontaneamente e nos termos da paz, ser conduzidos até sua nova vivenda, na aldeia de Santo Antonio de Imaripi. É assim que João Batista Martel, o “chefe generoso/ [...] os recebe em braços, que enlaçando/ Demonstrações de gosto lhes vai dando”. (WILKENS, 1993, p. 145)

Esse estudo da problemática do herói em *Muhuraida* não estaria ao menos satisfatório se nele não fosse incluído o próprio índio Mura, que dá nome ao poema de Wilkens, donde “*Muhuraida*” resgata o substantivo próprio feminino, cuja terminação latina “-idos”, forma outros títulos de épicos como *Ilíada*, *Eneida* e *Os Lusíadas*. Assim, o nome “*Muhuraida*” pode levar o leitor a deduzir que se trata de uma narrativa que conta os feitos heróicos dos índios Mura – os quais seriam o herói coletivo do poema, tal como o povo luso no referido poema de Camões. Mas já o início do longo subtítulo do poema de Wilkens – “Ou o triunfo da fé na bem fundada esperança da inteira conversão e reconciliação da grande e feroz nação do gentio Mura” – faz com que a idéia de atribuir ao Mura o heroísmo da ação da narrativa perca força.

Os Mura, nesse caso, não podem ser considerados como os heróis de *Muhuraida*, já que o próprio “herói” declarado no corpo de poema (o governador João Pereira Caldas) é quem menos interfere no plano narrativo da obra de Wilkens, em relação ao diretor Mathias Fernandes e ao tenente coronel João Batista Martel. Por causa do sentido difuso do herói que sua narrativa encerra, *Muhuraida* pode ser lido como um poema épico escrito para louvar antes um ato (o da conversão/pacificação dos Mura) que um ator, visto que o “triunfo da fé” é fruto da infinita misericórdia divina, mais do que da ação de pessoas como os nomes portugueses mencionados no corpo da obra. Tanto é assim que o aparecimento do Mura Celeste – fato fundamental para a mudança de concepção em relação ao índio Mura, que deixa de ser “feroz” e “cruel”, “vagabundo” e “temível”, passando a ficar “perplexo”, “absorto”, “admirado”, “atento” e “arreatado”, para no final se tornar, milagrosamente, um “amigo”, “aliado”, “invicto”, “convencido” e “feliz” – deve-se tão somente ao Deus onipotente e piedoso, depois de “frustrados os meios que a brandura/ Da religião e humanidade inspira[va]”. (WILKENS, 1993, p. 111)

Convencido da necessidade divina, não apenas de sua conversão pessoal, mas de todo o seu povo – logo após a fala emblemática do Mura Velho, que se opunha ferrenhamente à idéia

da pacificação mura – o Mura Jovem, representado sintomaticamente como “Orador” na estrofe 22 do canto III, e assumindo uma postura de guia espiritual, passa a ser o arauto de Deus na proposta de felicidade àqueles índios, pois “nele [‘Orador’] obrava força santa/ De um Deus” (WILKENS, 1993, p. 133). Quando da conversão geral dos Mura, que aceitam finalmente ser remanejados para a dita aldeia de Santa Antonio de Imaripi, ouve-se a seguinte fala de seu diretor, Mathias Fernandes:

Oh muras valorosos! Eu conheço
Esta obra ser da Mão do Onipotente,
Que a Ele só se deve, enfim confesso;
Louvor Lhe seja dado eternamente!
(WILKENS, 1993, p. 139)

Quando o Príncipe das Trevas – “Em sonhos, em visões, agouro insano,/ Aos descuidados muras aparecem” (WILKENS, 1993, p. 163) – retorna à narrativa para lançar mão de sua derradeira armadilha, a fim de recuperar sua influência sobre os Mura,

Anjo tutelar [Mura Celeste], que vigiando
Estava, e lamentarido os enganados,
Armado do poder do Onipotente,
Tudo faz que se mude de repente.
(WILKENS, 1993, p. 163)

Consequindo, dessa forma, dissipar definitivamente a nuvem sombria do Mal que pairava sobre os Mura. É, portanto, somente através da vontade divina que a ação da pacificação e sua conseqüente conversão ao Cristianismo, cujos instrumentos são os personagens portugueses citados no texto, se concretiza.

Sua bravura, sua intrepidez, seus brios de guerreiro selvagem, sua destreza e seu vigor físico [do índio], tudo é ressaltado com acentuada simpatia, enquanto se insinua que é ele instrumento dos processos ocultos dos jesuítas e se aponta o português como seu legítimo defensor e protetor. (CASTELLO, 1972, 170)

Esse trecho de José Aderaldo Castello, a respeito do índio de O Uruguay, exceto na parte referente aos interesses jesuítas, quase serve como menção direta ao índio de Muhuraida. Afinal, as características indígenas apontadas por Castello, além de sua condição de protegido pelo paternalismo português, são encontradas no decorrer do poema de Wilkens; com isso, há claramente um acentuado movimento de mudança em relação à representação mura: no início, o “feroz, indomável e formidável gentio Mura” (WILKENS, 1993, p. 91) – “Sem templo, culto ou rito permanente” (WILKENS, 1993, p. 103) – é revestido de uma couraça bélica que, se não é efetivamente épico, ao menos se aproxima a essa condição. No final do poema, esse traço de epicidade mura desaparece por completo para dar lugar à constituição do heroísmo português, que surge a partir da fragilidade e inocência indígenas.

Com um índio que passa de “cruel e irreconciliável inimigo dos portugueses [...] matando cruelmente, e sem distinção de sexo ou idade, todos os viajantes e moradores das povoações” (WILKENS, 1993, p. 91), a “renascido[s]” e “inocente[s]” (WILKENS, 1993, p. 169), completa-se a questão sobre o herói de Muhuraida, o que não quer dizer que a pergunta anterior sobre quem é verdadeiramente o herói da narrativa esteja respondida. Longe disso, pois o poema de Wilkens – ao engrandecer o “triunfo da fé”, a “conversão e [a] reconciliação da grande e feroz nação do gentio Mura” – pode ser lido como a expressão literária de um fato histórico, mas que não gira em torno de um herói específico.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. Cristiano Martins. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 1990.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. v. 1.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- CHAVES, Vania Pinheiro. *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- CURTIUS, E. R. *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. Paulo Rónai, Teodoro Cabral. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1996.
- DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1913.
- FAUSTINO, Mário. *Evolução da poesia brasileira*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- GAMA, José Basílio da. *O Uruguay*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/ 34, 2000.
- PÊGO, Tania Pires. *Muhuraida, ou épico indianista?*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa, 2004.
- VIRGILIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1982.
- WILKENS, Henrique João. *Muhuraida*. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Governo do Estado do Amazonas, 1993.